

AÇÃO Socialista

PROLETÁRIOS DE TODO O MUNDO, UNI-VOS

PREÇO
3
CRUZEIROS
SÃO PAULO
DEZEMBRO
1958

ANO I

ORGÃO DA LIGA SOCIALISTA INDEPENDENTE

Nº 1

Frente - única Burguesa e Golpe Bonapartista

A menos que a classe operária, através de suas organizações sindicais e políticas, some suas forças de modo a torná-las a espinha dorsal de potente movimento popular em defesa das liberdades democráticas e por SEU ROBUSTECIMENTO, não tardará e teremos restauração da ditadura bonapartista, desta feita, provavelmente, sob o império da espada. O «intermezzo» legal de Juscelino se encaminha para o fim. Só o pânico diante das explosões de revolta do povo, que, de norte a sul, vem manifestando sua repulsa à classe dominante em geral, contém os ditatorialistas militares e civis. Não é outro, também, o motivo dos repetidos apelos de conciliação entre os partidos «centristas», feitos principalmente por Felinto Müller, do governo, e Vilasboas, da oposição.

Os próprios líderes burgueses proclamam que nos encontramos em plena crise pré-revolucionária, com os trabalhadores afogados na miséria a cada hora tornada mais aguda pela bancal inflacionária, que lhes reduz o SALÁRIO REAL a pouco mais que nada. O próprio Ministério da Saúde confessa que a média «per capita» de calorias consumidas pelos brasileiros, isto é, pelos pobres do Brasil, está abaixo do índice de calorias consumidas pela população da Índia. E o Ministro Lucas Lopes que declarou, há pouco, devermos contar com mais 20 por cento de DESVALORIZAÇÃO do cruzeiro em 1959, acaba de prometer aos patrões imperialistas nos Estados Unidos, onde foi mendigar dólares, um próximo «período de austeridade», quer dizer, de mais fome para o povo, como garantia do dinheiro empregado pelos tubarões de Washington nas «metas desenvolvimentistas» de Juscelino e seus «nacionalistas». Sem dúvida, mais dólares virão, a pretexto de salvar-se o Brasil das garras, de Moscou, pois essa é, agora, a chantagem usada pelas podres e impotentes burguesias dos países subdesenvolvidos como o nosso, para se encherem e, mais ainda, aos seus SÓCIOS ricos de Washington, que levam a seiva do trabalho nacional em polpidos juros, «royalties» e

A inflação arrasa os lares proletários, roubando-lhes o pão, enquanto, como em nenhuma outra época de nossa história, verdadeira enxurrada de dólares invade o Brasil. Nos últimos três anos, a taxa média de crescimento da entrada de capitais estrangeiros se elevou a 433%! Nos sete primeiros meses de 1955 foram colocados no Brasil 81,8 milhões de dólares; em idêntico período de 1957, 436,8 milhões. É nesses moldes que a «burguesia progressista» promove o desenvolvimento da economia brasileira, sob calorosos aplausos dos «nacionalistas», de todos os matizes, que defendem a industrialização... para o imperialismo e seus aliados nacionais.

A classe operária ou, melhor, os trabalhadores em conjunto, principiam a compreender a natureza desse «nacionalismo» esfomeador, cujos líderes, COM RARISSIMAS EXCEÇÕES, a serviço de interesses ocultos, os mandam apertar o cinto e colaborar com a burguesia nacional «progressista».

A cantilena colaboracionista está, porém, se desmoralizando rapidamente, como se vê pelos quebra-quebras e manifestações de protesto em todo o país. Esta a razão por que se, face à bancarrota do governo Juscelino, os partidos «centristas» buscam unir-se CONTRA o povo, para melhor contê-lo, de sua parte os nacionais-reformistas-stalinistas, paisanos ou militares, estimulam um golpe bonapartista do general Lott, que este hesita em deferir, temeroso das represálias econômico-financeiras do imperialismo norte-americano, que alimenta a falida burguesia nacional COBRANDO-SE REGIAMENTE, bem como da reação de setores das forças armadas e grupos burgueses, dispostos a encontrar nos «quadros legais» solução para a crise.

Contudo, esse equilíbrio instável dificilmente poderá manter-se por muito tempo, diante da crise econômico-financeira, de caráter crônico, que o aventureirismo demagógico do governo Juscelino, mesmo com as injeções de ouro de Wall Street, só faz agravar.

Longe estão os socialistas marxistas de «amar» a legalidade burguesa. Mas de modo nenhum desejam vê-la substituída por uma DITADURA BURGUESA, civil ou militar, que apenas poderá trazer para o proletariado e as massas populares maior miséria e mais dura opressão. Ao contrário, o que reclamam os socialistas marxistas, que não creem absolutamente na burguesia e, menos ainda, em um ditador «iluminado» é, antes, a ampliação, em seus limites máximos, das atuais instituições democráticas. Não será nas trevas de uma ditadura bonapartista — LEMBREMO-NOS DO ESTADO NOVO DE VARGAS! — que o povo, com o proletariado à frente, conseguirá defender suas escassas conquistas contra a exploração capitalista e, muito menos, aprofundar suas lutas pela redução da miséria ou supressão do regime da propriedade privada, origem fundamental de todos os males de que sofre.

A FRENTE-ÚNICA BURGUESA, PROPOSTA, EM NOME DOS EXPLORADORES, por Felinto Müller e Vilasboas, oponhamos a FRENTE-ÚNICA DAS ORGANIZAÇÕES OPERÁRIAS POLÍTICAS E SINDICAIS contra a exploração capitalista e qualquer espécie de golpe, seja lottista ou dos cartolas burgueses. Que não se tolere, nos meios operários, a ação dos agentes ditatorialistas, pregoeiros do golpe «nacionalista», que só poderá retardar o avanço da classe operária e do povo rumo à libertação socialista.

Nacionalismo e Socialismo

Os conceitos de Nacionalismo e de Socialismo chocam-se frontalmente e toda tentativa de síntese do conteúdo destes dois termos assumiria aspectos da mais bárbara mistificação «doutrinária» de nossos tempos: o nacional-socialismo de Hitler.

Dispensamo-nos de invocar o exemplo do «Kuomintang» «anti-imperialista» de Chang-Kai-Chek em que este, depois de se utilizar dos comunistas de Stalin, os trucidou implacavelmente. Os dias atuais são férteis em amostras de como age a «burguesia nacional, anti-imperialista e progressista», representada por camari-lhas militares com seus aliados dos Partidos Comunistas e, mesmo, do socialismo-reformista. Nássar, no Egito, Kassan, no Iraque, e seus iguais agaloados da Síria e da Birmânia, o mínimo que estão dando em paga aos devotados comunistas «nacionais-libertadores» que os ajudaram a galgar o poder é o cárcere, com a supressão não apenas de seus partidos como também dos sindicatos. Vale notar que mesmo nessas áreas coloniais, diretamente oprimidas e exploradas pelo imperialismo, as «burguesias nacionais-progressistas» já se apresentam velhas e impotentes como classe, delegando poderes às for-

ças locais. Entretanto, não rem vantagens do choque entre as duas maiores potências da atualidade: os Estados Unidos e a União Soviética.

A era dos «Estados Nacionais», em que o capitalismo nos limites de um país, o progresso das forças produtivas e, conseqüentemente um mercado interno para sua própria burguesia é, já, coisa do passado. Ainda que, sob a atoarda das trombetas estalinistas, passa-se a ter a impressão de que a roda da história gira em ascensão podia oferecer, em sentido contrário, criando «Estados Nacionais» com suas respectivas «burguesias-progressistas» e democráticas, a verdade é bem outra na época do imperialismo e do mercado mundial. Mesmo no caso do Egito e Oriente-Médio, áreas de estrutura basicamente feudal, e cuja economia se apoia em um só ou raros produtos extrativos, toda velocidade de industrialização e «progresso» somente poderia ser satisfeita por meio de «auxílios» do imperialismo ou da União Soviética. E as camari-lhas vorazes que se acham no poder têm consciência disso e mal conseguem esconder a chantagem, especulando com as contradições irreduzíveis existentes entre a União Soviética e o imperialismo, de modo particular os Estados Unidos. Contudo, os anseios «progressistas» dessas castas feudais-burguesas não se estendem ao plano político. Ao contrário, embora o proletariado dessas regiões seja pouco expressivo quantitativamente, o «nacionalismo progressista» dos Nássars, Kassens e consortes é profundamente reacionário, vincado de totalitarismo.

Quer isto dizer que condenamos a atuação do proletariado revolucionário, nas colônias, quando participa da luta anti-imperialista para por termo à dominação estrangeira? De modo nenhum: bem ao contrário. Consideramos, contudo, infame traição aos próprios interesses da classe operária e das massas populares o modo como os Partidos Comunistas entregam aos «burgueses-progressistas» e a seus porta-vozes naciona-

listas da pequena burguesia o comando da luta e os trabalhadores revolucionários, reduzindo a ação destes a um «nacionalismo» abstrato quase sempre apenas voltado contra os Estados Unidos. A luta

Mesmo limitado à moldura das COLONIAS, isto é, segundo Engels, «os países ocupados por populações européias», esse binômio não passa de sangrenta burla para a vanguarda revolucionária do proletariado e, não raro, para a própria classe operária em seu conjunto.

de classes quando muito, é limitada pelos PP. CC. a delegantes súplicas de aumento de salários, para não prejudicar a «União Sagrada» com a «burguesia-progressista-nacionalista».

E — aí está para quem quer ver — o que colhem os líderes proletários, como fruto de seu esforço de emancipação nacional, transformados em «nacionalistas» pelos chefes stalinistas: é o cárcere e a liquidação dos sindicatos, por ordem da própria burguesia «nacionalista», que ajudaram a «ibertar».

A mesma tática adotada nas colônias, onde, por força da presença direta do opressor imperialista, existe em amplas camadas da população um legítimo anseio de libertação nacional, empregam os estalinistas em países subdesenvolvidos, como o Brasil em que o imperialismo se infiltra por mil formas e meios, tendo como aliado e sócio a própria burguesia «nacionalista». E o que é pouco mais de um mito mesmo na maioria das colônias, assume feições de monstruosa burla em regiões sub-desenvolvidas como o Brasil, nesta era do imperialismo e de mercado mundial, como os seguintes:

Se nas próprias colônias o nacionalismo, embora retardatário mas autêntico em largas camadas da população, se reveste, desde logo, de caráter (Conclui na página 2)

ENSINAMENTOS DA REVOLUÇÃO



LENIN FALANDO AS MASSAS

ESCALA MOVEL DE SALÁRIOS: aumentam os preços, aumentam os salários

Em todo o país, os trabalhadores estão rejeitando os novos níveis de salário-mínimo fixados pelo Serviço de Estatística e Previdência, do Ministério do Trabalho. Como de costume, após vários meses de «pesquisas», durante os quais os tubarões e as piranhas puderam elevar tranquilamente os preços de todos os gêneros de primeira necessidade e das utilidades em geral, o SEPT apresentou «seus» índices de elevação do custo de vida que não passam de criminosa mistificação. Daí porque os srs. Antonio Devisati e Nadir Figueiredo, líderes industriais paulistas, prontamente procuraram o ministro do Trabalho para manifestar sua aprovação ao salário-mínimo de 5.500 cruzeiros, sugerido para São Paulo e Distrito Federal. Por si só, a atitude desses dois magnatas põe a nu a burla do SEPT, que funciona, sem dúvida, conforme os interesses dos empregadores.

Desta vez, a tragicomédia do estabelecimento dos novos salários mínimos, encenada com o mais cínico desprezo da realidade, apresenta um ato inédito: o próprio presidente da República, depois de se entender com o pelego-latifundiário Jango Goulart, seu vice e chefe do PTB, deixa de lado os dados do SEPT para acrescentar mais 500 cruzeiros ao mínimo conferido a São Paulo e ao Distrito Federal. Desde logo, a manobra demagógica se torna clara. Os pelegos de todos os tipos — direita, centro e «esquerda» — poderão prosseguir em sua repulsiva ação de subordinar os

trabalhadores e os sindicatos aos srs. Kubitschek, Goulart e ao Estado capitalista, sob a alegação de que, o presidente da República, após ouvir-lhes as ponderações, melhorou os novos níveis salariais. Para os pelegos, que engordam à custa do imposto sindical e vivem das mamatas dos Institutos de Previdência, tanto se lhes dá que o cruzeiro tenha sofrido depreciação superior a 60 por cento, conforme técnicos do próprio governo, o que quer dizer, segundo cálculos mentirosos e conservadores. Ao que parece, o jogo combinado entre essas ratazanas e o governo acaba dando certo, mais uma vez. Os trabalhadores poderão ter agravadas suas miseráveis condições de vida. O aumento decidido, já foi praticamente devorado pela alta dos preços destes últimos meses em que o famigerado SEPT manipulou as estatísticas. Há ainda mais: agora a elevação dos impostos e taxas consequida ou pretendida por Kubitschek, Janio (4,8%, nas vendas e consignações) e outros chefes de Executivo, o ministro Lucas Lopes não faz segredo de que o governo continuará emitindo «papel-pintado» e, por conseguinte, o cruzeiro sofrerá mais 20% de desvalorização em 1959, como antecipou.

Assim, pois, a criminosa tapeação, que é o salário-mínimo, nos moldes atuais, continuará para alegria dos patrões, os únicos a lucrar com a inflação. Há um jeito de, pelo menos, limitar essa burla dos patrões do Estado capitalista. Em vez de salário-mínimo, renovado, em bases falsas, de três

em três anos, devemos impor contra a escala móvel de salário, partindo de um salário mínimo vital. Esse mínimo vital compreendendo às despesas com habitação, alimentação, vestuário, instrução, recreação etc. etc. seria, hoje, de Cr\$ 8.000,00 ou mais, determinado pelas pesquisas dos órgãos técnicos dos sindicatos dos trabalhadores. Qualquer alta dos preços teria imediata compensação na alta do salário mínimo vital. Se o Estado burguês e os patrões não querem ou não conseguem conter a inflação que paguem por ela. Mas não embrulhando os trabalhadores de três em três anos e, sim, aumentando os salários ao mesmo tempo em que os preços dos gêneros alimentícios e das utilidades em geral subirem: sobem os preços, sobem os salários.

Exijamos a escala móvel de salários, defendendo um salário mínimo vital.

Os pelegos e os patrões são contra a escala móvel de salários. Entre outras razões, os primeiros, porque querem continuar a comer, sossegadamente, o imposto sindical e representar, de 3 em 3 anos, a tragicomédia do salário-mínimo. Por sua vez, os patrões, com a inflação, reduzem, de mais de metade, entre um e outro salário-mínimo, o que pagam aos trabalhadores. Com a escala móvel de salários, os exploradores sentirão, diariamente, a pressão da classe operária, que, de sua parte, enfrentando a resistência dos empregadores, compreenderá, mais claramente, o regime de espoliação a que está submetida.

PANORAMA INTERNACIONAL

SITUAÇÃO POLITICA NA FRANÇA

Para que se possa compreender a fraqueza e a impotência da esquerda na França, é preciso que se note antes de mais nada dois fatos: a divisão do movimento operário e a sua direção burocratizada e traidora da Revolução Socialista. Estes elementos são características não apenas da esquerda francesa mas de todo o movimento socialista europeu. Contudo na França estes traços são particularmente agudos: O Partido Comunista é um dos mais empedernidos, burocratizados e estalinistas de todo o continente, enquanto que o partido Socialista (SFIO), atingiu, através da política social-imperialista de Guy Mollet, os últimos degraus da traição.

Existem, no interior dos dois grandes partidos, oposições de esquerda que lutam há anos por uma «regeneração interna» de suas organizações. Assim, no PCF, a crítica revolucionária, é exercida pelo jornal clandestino «La Voie Communiste» continuando a tradição do «L'Étincelle», que reprova à direção do Partido tanto o seu oportunismo sobre a questão argelina como seu seguidismo em relação a estratégia soviética.

A oposição de esquerda da SFIO, exausta após anos de luta com o aparelho burocrático de Mollet decide abandonar o desmoralizado partido, fundando uma nova organização, o Partido Socialista Independente, de que participam elementos como Depreux, Verdier, Daniel Mayer, Oreste Rosenfeld e outros.

Fora dos dois grandes partidos, um grande número de pequenas organizações procura manter acesa na França a chama do Socialismo Revolucionário. O mais antigo destes grupos é provavelmente o trotskismo (Partido Comunista Internacionalista), ele mesmo dividido entre «Pablistas» e os «Ortodoxos». Ao que parece, a maior parte da Seção Francesa da IV Internacional ficou com o grupo ortodoxo (Lambert, Bloch) cujo órgão «La Verité» é um dos mais perseguidos pela censura, e cujos militantes são encarcerados por colaborarem com o Movimento Nacional Argelino (MNA).

Outro grupo antigo é o dos sindicalistas revolucionários (Pierre Monate, Pierre Lafforgue) congregados ao redor do mensário «A Revolução Proletária».

Estas organizações e outras participam de uma Frente Única, o «Comité de Ligação e Ação pela Democracia Operária», que edita o mensário «A Comuna».

Contudo a partir de dezembro de 1957, através da fusão de diversas organizações, surge no panorama político uma nova e poderosa força o Partido de União da Esquerda Socialista (Claude Bourdet, Martinet), cuja influência cresce dia a dia, e que na base de um programa revolucionário, democrático e internacionalista, e de uma luta intransigente contra a guerra da Argélia conta já com um quadro respeitável de militantes, arrematados sobretudo entre a juventude.

Entretanto, apesar da ação destas antigas e novas organizações revolucionárias, a esquerda em seu conjunto continua impotente e estéril, devido a sua divisão e ao papel nefasto das direções burocratizadas, estalinistas e reformistas.

É esta impotência da esquerda e a consequente desorientação das massas que permite compreender a ascensão de De Gaulle.

O fenômeno De Gaulle não é novo na França e corresponde ao mito do homem acima dos partidos e das classes.

Há mais de cem anos antes de De Gaulle, Luiz Bonaparte tomava o poder apoiado pela casta militar. As palavras de Marx a respeito, no «18 Brumário de Luiz Bonaparte» adquire hoje um sabor todo especial de atualidade: «Napoleão III gostaria de aparecer como o benfeitor patriarcal de todas as classes, mas ele não pode dar a uma classe sem tirar da outra...»

Somente a ação unida do proletariado francês poderá impedir que a casta militar substitua hoje, como em 1851, «Liberdade, Igualdade, Fraternidade» por «Infantaria, Cavalaria, Artilharia».

AS ELEIÇÕES NA FRANÇA

Somente levando-se em conta o quadro da situação política acima traçado, pode-se compreender o resultado das recentes eleições.

O fracasso da esquerda, motivado pela desunião e pela traição das direções burocráticas reformistas e estalinistas, foi total, atingido com particular dureza o Partido Comunista e a pequena-burguesia radical (Mendès-France, Mitterand etc).

A ascensão da direita, através da União da Nova República e de seu chefe faccioso, Jacques Soustelle, foi ainda particularmente favorecida pelo sistema eleitoral.

Com um forte bloco de direita na Câmara, composto pela União da Nova República, pela direita clássica e pelos ultra-nacionalistas «livresmente» escolhidos na Argélia, o término da guerra colonialista em Argel se torna bastante problemático.

A onda de direita, iniciada com a aprovação da Constituição mais anti-democrática que a República Francesa jamais teve, e com a eleição de uma maioria parlamentar de centro-direita, poderá levar a França a um regime militarista - paternalista mais próximo do salazarismo do que de uma república democrático-burguesa, se os socialistas e comunistas de todas as tendências não reagirem drasticamente em tempo.

Instantaneos

Dois anos após a Revolução Húngara e a aventura de Suez, e poucos meses após o desembarque americano no Líbano e o assassinio de Imre Nagy, torna-se cada vez mais patente que os povos do mundo inteiro nada tem de bom a esperar por parte do pseudo «campo da paz» nem do pseudo «mundo livre».

* * *

O imperialismo americano mais uma vez agita no Extremo-Oriente, o governo fantoche de Chiang-Kai-Chek, ameaçando provocar um conflito internacional a propósito de duas ridículas ilhotas, cuja única função é perturbar o tráfego dos portos da China Popular. Por outro lado nos próprios Estados Unidos, surge a perspectiva, através de Nelson Rockefeller, de que os grandes trustes petrolíferos deixem de controlar indiretamente o governo americano para assumi-lo em pessoa.

* * *

Quanto à Europa, certos indícios, como a ascensão ao poder, na Bélgica, do partido católico reacionário, na França, do sucessor espiritual de Napoleão III, Charles De Gaulle, parecem indicar uma vaga de direita no Continente. Contudo, seria apressado generalizar, uma vez que nas eleições italianas o Partido Socialista de Nenni saiu fortalecido e o congresso do Partido Trabalhista na Inglaterra assinalou uma vitória da ala esquerda do Partido.

* * *

Na América Latina, finalmente, parece aproximar-se um período de intensificação da luta de classes. No Chile, o

totalitário, voltando-se contra os trabalhadores revolucionários, em países como o nosso por ser de todo artificial e alheio à classe operária, como o demonstrou nas eleições de 3 de outubro, é uma «ideologia» do desespero pequeno-burguês, utilizada por aventureiros de toda espécie, a serviço de determinados grupos burgueses.

Não é sem motivo que o «nacionalismo» ressurgiu com essa virulência pestosa nos países subdesenvolvidos. Seus arautos principais, os líderes estalinistas, integrados na estratégia global do Kremlin, que vê, no presente, como inimigo n.º 1, os Estados Unidos e não a burguesia mundial, transformaram a luta anti-imperialista, um dos aspectos da luta pelo Socialismo, na mistificação «nacionalista», dirigida unicamente contra o imperialismo norte-americano. Assim, pois, o «nacionalismo» do P.C.B. glorificando a «burguesia-progredista», ao mesmo tempo que a deixa à vontade para explorar tranquilamente o povo, alimenta a ilusão de separar «nossos» burgueses dos tubarões norte-americanos, seus aliados e sócios. O que devia constituir luta de massas pela expropriação sem indenização dos trustes e monopólios estrangeiros aqui instalados, como um dos aspectos das batalhas socialistas contra a própria burguesia nacional, que abre as portas à penetração do imperialismo, se apresenta como exaltação do nacionalismo burguês e de uma «industrialização» feita, à sombra da portaria 113 em sua maior parte com capitais imperialistas mais protegidos que os «nacionais».

Mas o que importa a Prestes e a outros líderes estalinistas daqui e de fora é servir aos interesses da burocracia do Kremlin e não lutar pela emancipação nacional e pelo Socialismo.

Se, além disso, atribuímos à ignorância e à ingenuidade dos chefes estalinistas a traição à classe operária que procuram levar às últimas consequências totalitárias substituindo o Socialismo pelo «Nacionalismo», isto é, a luta de classe pela abolição do Capitalismo, pela colaboração de classes que fortalece a dominação burguesa dos trabalhadores.

O próprio Stalin, «chefe genial» desses serviços de Moscou, antes de tornar-se o «teórico» do socialismo em um só país», origem do atual «nacionalismo» estaliniano, escrevia, em 1913, é verdade que sob a inspiração de Lenin: «O problema fundamental para a jovem burguesia é o mercado. Dar saída às suas mercadorias e ser vencedora na competição com a burguesia de outra nacionalidade; eis o seu objetivo. Daí o desejo de assegurar «seu» próprio mercado. O mercado é a primeira escola em que a burguesia aprende o nacionalismo». E mais adiante: «Apele para «os de baixo de seu país» e principia a falar de «pátrias», ao pretender fazer de sua própria causa a

reacionário Alessandri venceu as eleições com pequena margem de votos sobre o candidato da esquerda unida, o senador Allende, do Partido Socialista Popular (de orientação socialista de esquerda) e terá sem dúvida de enfrentar a oposição das organizações proletárias.

* * *

Na Bolívia, o Movimento Nacionalista Revolucionário (MNR) no poder, evidencia as limitações dos movimentos nacionalistas, reconciliando-se com o imperialismo e pretendendo impor ao proletariado boliviano um plano reacionário de estabilização da moeda às custas do congelamento dos salários. A justa revolta dos mineiros e trabalhadores rurais da Bolívia contra estas medidas anti-populares, provocou em todo o país, intensa agitação social, que foi aproveitada pelos fascistas da «Falange» numa frustrada tentativa de golpe de Estado.

Nacionalismo e Socialismo

causa de todo o povo». Note-se que Stalin se refere a um país colonial sob dominação direta de potência estrangeira. No tocante a países subdesenvolvidos, dependentes, como o Brasil, Lenin é concluinte quando examina a natureza das relações da burguesia «nacional» argentina, com o imperialismo inglês: «Não é difícil imaginar o forte laço que se estabelece entre o capital financeiro e sua fiel «amiga», a diplomacia da Inglaterra, e a burguesia da Argentina e os setores dirigentes de toda a sua economia e política».

Trotsky, por sua vez, não é menos rigoroso no julgamento da pretensa «burguesia-progredista» da América Latina: «A América do Sul e Central somente poderão libertar-se do atraso e da servidão, pela união de todos os seus Estados em uma poderosa federação. Esta grandiosa tarefa histórica está destinada a ser realizada, não pela atrasada burguesia latino-americana, agência totalmente prostituída do imperialismo estrangeiro, mas pelo jovem proletariado latino-americano, líder do destino das massas oprimidas». (Os grifos são nossos).

O «nacionalismo» de nossos tempos, que, mesmo no caso das colônias, apresenta peculiaridades estranhas ao fenômeno legítimo da época do capitalismo florescente, essência dos Estados Nacionais, é fruto espírito do estalinismo associado às camadas pequeno-burguesas, sem perspectivas claras, dada a ausência de vigorosa atividade classista do proletariado com objetivos nitidamente socialistas. Para atender aos interesses da política exterior do Kremlin, os P.P. C.C. estimulam, em lugar da luta de classes, os preconceitos chauvinistas burgueses nas áreas dominadas ou subordinadas ao imperialismo, especialmente o norte-americano no caso da América Latina.

Ao seu tempo, Marx e Engels, como depois Lenin e Trotsky, deixaram formuladas em bases científicas a questão nacional e a posição dos socialistas marxistas no atinente a ela. Os fundadores do marxismo acentuaram que o problema nacional está subordinado ao problema principal e fundamental: o da revolução. As relações do movimento nacional com a revolução devem constituir o critério para a apreciação do caráter do movimento nacional. Estudando, de modo particular, a luta de independência da América Latina, no século XIX, Marx e Engels se referiram com duras palavras, à limitação e ao egoísmo dos reformadores burgueses-latifundiários e dos revolucionários. Ao examinar a atuação de Bolívar, o primeiro chegou mesmo a escrever: «Causa náuseas ler coisas exaltando este vil e miserável canalha como se fôsse Napoleão I».

Dos marxistas contemporâneos coube a Trotsky, graças aos acontecimentos na esfera colonial durante o século vinte, apresentar, amparado em sólidos princípios científicos, uma teoria completa, quanto possível, da questão colonial. Torna-se evidente, pelos ensinamentos extraídos da luta nas colônias e nos países subdesenvolvidos, que o problema da emancipação nacional vem inserido no esforço total da classe operária pela instauração do poder socialista. Ao proletariado internacionalista e não aos «nacionalistas» compete agrupar ao seu redor todas as demais camadas populares que sofrem o jugo da opressão imperialista. Os aliados pequeno-burgueses serão arastados no fluxo revolucionário, realizando, dirigidos pela classe operária, a parte que lhes cumpre no processo ininterrupto que desembocará no Poder dos Conselhos Operários e Camponeses. Quaisquer outras formulas, arquitetadas pelos estalinistas e seus «aliados» «burgueses progressistas», não passarão de mistificações criminosas já pulverizadas, à custa de penosos sacrifícios, pela própria experiência histórica.

VIDA SINDICAL

A CRISE DO PACTO

I — A formação do Pacto

O maior acontecimento da classe operária, após a queda da ditadura getulista em 1945, foi a greve de 1953. Rompendo todos os diques ministerialistas que o Estado Novo criou, a Classe Operária aflorou numa demonstração vigorosa de força e de unidade. As massas como que acordando do longo torpor que a ditadura getulista lhes causou, enfrentaram bravamente as ferózes patulâncias de baionetas e golpes de borracha da polícia e Força Pública do então governador Garcéz, e da burguesia que representava.

Esta ascensão trouxe a necessidade de um organismo unitário da classe operária. A polícia e os patrões tinham o seu Garcéz, a classe operária igualmente necessitava de um organismo coordenador.

As greves de 1953 foram levadas a efeito por órgão coordenador fundado durante seu desenvolvimento. A greve foi vitoriosa, embora o aumento salarial alcançado não correspondesse ao pleiteado.

O movimento paredista de 2 de setembro de 1954, foi organizado igualmente por um organismo intersindical. A greve de 1 dia, a greve de 2 de setembro de 1954, constituíram uma demonstração de força e unidade até então não alcançada, São Paulo, o ABC e outras cidades, paralisaram inteiramente o trabalho nesse dia.

Em 1955, na luta por aumento de salários, fundase o PACTO DE UNIDADE INTERSINDICAL.

Logo após a sua constituição, o Pacto congregou 105 organizações sindicais e obteve a adesão de organizações estudantis como a UEE.

Em São Paulo e no Rio haviam outras organizações unitárias de sindicatos, mas nascidas dentro de falsas posições do PCB e do PTB, não passaram de organismos de cúpula, e desapareceram com o nascimento do Pacto Unidade Intersindical.

II — A estrutura do Pacto

Porém, se por um lado, o nível de consciência das massas levou à criação do Pacto, não possuía a classe operária quadros, para corresponder ao nível da luta do Pacto.

Os pelegos petebistas e comunistas, amparados no imposto sindical e na estrutura ministerialista transportaram seus modos de ação ao Pacto de Unidade, forçando seu declínio. Cumpre notar a existência de honrosas exceções que no Pacto se opuseram, e se opõem, à ação dos pelegos.

Os pelegos não compreenderam e não compreendem a necessidade histórica da unidade da classe operária. Davam a adesão em caráter pessoal, não pagavam normalmente suas mensalidades ao Pacto, e quase sempre apareciam nas reuniões, para resolver problemas particulares de

seu sindicato (Setorismo) ou então para exclusiva cobertura pessoal e eleitoral.

Acostumados a ser os intermediários entre a classe operária e os organismos patronais por vias do governo e Ministério do Trabalho, trouxeram tal forma de atuação ao Pacto. E não faltaram os agradecimentos a prefeitos, governadores e organismos patronais. Um conhecido pelego teve a petulância de propor ao Pacto em dezembro de 1957, agradecimentos e BOAS FESTAS ao governador e ao DOPS por sua não atuação (?) na greve dos doqueiros em Santos.

No dia 1.º de maio de 1957 os líderes do Pacto agradeceram ao governador a «grana» que o Pacto «ganhou», para os atos do 1.º de maio (lutas de box, etc).

Os pelegos se curvam ao doutor Adhemar de Barros ao doutor Jânio Quadros e às autoridades estabelecidas; suas atividades se confundem em boa medida, com as atividades do Sesi.

A «ideologia» dos pelegos se limita a agradecer aos patrões o imposto sindical, retribuindo-lhes com uma atuação nacionalista em prol dos gordos lucros e do desespero e fome de classe operária.

III — Desenvolvimento e declínio

Com a vergonhosa traição de 1956, inicia-se o declínio do Pacto. Burlando todas as resoluções das assembleias sindicais, a direção do Pacto negocia com o presidente Juscelino Kubistchek e trai o movimento operário. É importante assinalar que dois membros do Pacto votaram contra a traição.

Em 1957, a má orientação do Pacto, fez com que a luta por aumentos salariais caísse no funil da Justiça do Trabalho, e permitisse a penetração eleitoral no movimento.

Em 1958, diversos líderes sindicais transformaram seus sindicatos e sua atuação no Pacto em trampolim eleitoral para cargos políticos.

No movimento da CMTC e na luta por aumento de salários que se realiza em nossos dias, temos diferenciadas duas espécies de pelegos: os janistas e os ademaristas, porém ambos iguais nas suas formas de ação: «os entendimentos».

Esta forma de ação resultou na diminuição da atuação, e dos participantes do Pacto. Esta forma de atuação trouxe o desprestígio do Pacto perante a classe operária.

IV — Perspectivas.

A existência do Pacto é uma vitória da classe operária. O Pacto só terá uma existência real desde que, eliminando os aproveitadores que nele se encaixaram, se tornem realmente a expressão dos sindicatos, que por sua vez só poderão existir de fato, apoiando-se em grupos sindicais eleitos pelos trabalhadores sindicalizados ou não nas empresas e fábricas.

Ensinaamentos da Revolução Russa

Se outros méritos não devessem ser reconhecidos à Grande Revolução Russa de 1917, cujo 41º aniversário transcorreu há pouco, o fato de o proletariado, apoiando-se nas massas rurais pobres, ter tentado promover, praticamente, a transformação socialista de vasta área mundial sob regime da propriedade privada, por si só constitui um dos maiores e mais fecun-

A concepção científica de Marx e Engels que, até novembro de 1917, não fôra ainda submetida a um teste decisivo no campo social, recebeu, então, fascinante comprovação.

Da revolução burguesa de março a 7 de novembro, quando o partido de Lenin e Trotsky se instalou no poder, a própria dinâmica da luta de classes se incumbiu de pulverizar os arremedos «socialistas» do reformismo bernsteiniano e de seus seguidores, assim como os esquemas preparados pelo chefe do bolchevismo, que previa para a Rússia atrasada, uma «ditadura democrática dos operários e camponeses», destinada a promover, antes, o desenvolvimento capitalista do imenso império dos czares, como primeira etapa para a emancipação dos oprimidos.

Graças à debilidade de uma burguesia anêmica, enfeudada ao imperialismo, e, por isso, impotente para desincumbir-se dos encargos que a história lhe atribuía, a avalanche revolucionária, desatada pela democracia burguesa e pelos partidos socialistas russos, não se deteve nos limites democrático-burgueses, levando de roldão os diques opostos pelo capitalismo e seus porta-vozes.

Em poucos meses, a Revolução contra o absolutismo marcadamente feudal e, por tal motivo, dotada de intenções burguesas, por força do ímpeto proletário, robustecido pelo apoio das massas rurais pobres, ganhou fisionomia irreconhecível para quantos esperavam o advento da República Democrática. Em lugar das instituições clássicas da democracia burguesa, os trabalhadores, encabeçados pelo mais consequente dos partidos socialistas russos — a organização de Lenin e Trotsky — fizeram prevalecer o Poder dos Sovietes, forma de domínio das massas, criada por estas, no ensaio insurrecional de 1905.

O fulminante processo revolucionário de apenas nove meses acabava de confirmar a teoria da «Revolução Permanente», de modo aterrador para os líricos da democracia pequeno-burguesa e, mesmo, para alguns «velhos bolcheviques», entre os quais Stalin, que se haviam oposto, tácita ou ostensivamente, aos novos rumos preconizados por Lenin nas «Teses de Abril». O terremoto, que abalou o mundo, mostrou no corpo vivo de um país euro-asiático, ainda imerso, em grande parte, no obscurantismo e na miséria feudais, a justeza da teoria da «Revolução Permanente», esboçada por Marx no prefácio de «A guerra civil na França», bem como no famoso «Adresse», da Primeira Internacional, lançado em 1850. Observa-se que Leon Trotsky, desde 1905, contrapunha às teses de Lenin sobre o caráter da Revolução Russa, a concepção marxista da «Revolução Permanente», aliás, também defendida, no plano teórico geral, por Rosa Luxemburgo e outros eminentes socialistas ocidentais.

Mas, da mesma forma como é irrecusável o fato de que se deve, sobretudo, à fidelidade à classe operária e ao marxismo dos principais chefes bolcheviques e de seu partido ter sido posto, em termos concretos, pela primeira vez aos olhos da humanidade, o problema da edificação da sociedade socialista, a eles, também, devem ser atribuídas, não obstante todas suas intenções e sinceridade, não poucas das causas originárias das monstruosas deformações anti-socialistas apresentadas, hoje, pela União Soviética e outras áreas do mundo que lhe copiam o figurino.

Se é verdade que a falta de apoio e a traição da social-democracia européia, particularmente a alemã, à Revolução proletária, circunscreveram esta ao âmbito de um país atrasado, corroído pela contra-revolução e premido pela agressão imperialista, não é menos verdade que os bolcheviques no poder não se satisfizeram com a supressão, desde logo, da democracia burguesa, medida justa e indispensável; ex-



ASPECTO DAS BATALHAS DE RUA NAS JORNADAS DE JULHO DE 1917

tiraram, também, toda forma de democracia, inclusive a socialista. Impuseram, pura e simplesmente, pela força das armas e da violência, o monopólio político de seu partido na direção do Estado, a pretexto de defenderem a Revolução dos inimigos internos e externos. Aos poucos, os Sovietes, órgãos de frente-única dos trabalhadores de todas as tendências, foram sendo absorvidos, efetivamente, pelas organizações bolcheviques e os sindicatos transformados em simples apêndices do aparelho estatal. Por sua vez, o Estado não tardou a ser, de igual maneira, tragado pelos quadros do Partido Comunista (bolchevique), afastando, de fato, da gestão da coisa pública, as massas trabalhadoras.

Quando os insurretos de Cronstadt, depois da guerra civil de que haviam participado devotadamente contra os inimigos do socialismo, exigiram a «devolução do poder aos Sovietes», repelindo o monopólio partidário dos bolcheviques, a resposta destes foi dada pronta e arrazadora, pelas bocas dos canhões do Exército Vermelho, comandado por Leon Trotsky, comissário da Guerra.

Por via de tais erros, uma asfixiante burocracia, ainda em vida de Lenin, já dominava não só o Estado, desvinculado das massas, como o partido. De nada valeram os protestos tardios de Lenin, gravemente doente, e de seu companheiro Trotsky, pouco depois da morte do grande líder revolucionário, expulso do partido e exilado. A sombra sanguinolenta de Stalin, a um tempo, criatura e líder dos burocratas, já se projetava sobre todo o partido e o Estado, graças ao cansaço em que haviam mergulhado os trabalhadores e os mais combativos militantes revolucionários de base, após os anos exaustivos da pressão dos Exércitos imperialistas e da guerra civil.

A ausência da participação da classe operária na direção do Estado e da economia, bem como a extinção quase total da vida pública, sem tribuna, sem associações, sem órgãos de imprensa, que não fossem os do único partido existente, foram avolumando os erros cometidos pelos dirigentes bolcheviques. A solução pequeno-burguesa, dada por eles à

dos acontecimentos da história contemporânea, pelas lições que nos oferece.

O fato avulta de importância quando explicado não como mera decorrência de ação «espontânea» dos trabalhadores sublevados, mas como resultante, em larga parcela, do esforço tenaz de um partido marxista, situado à frente da classe operária e dos aliados desta, determinando, conscientemente, o curso da Revolução.

questão agrária, com a partilha indiscriminada das terras, numa apropriação demagógica do programa dos socialistas-revolucionários, bem distante da solução científica apresentada pelo marxismo, representou um dos mais nefastos erros, que pesaram sobre o futuro da Revolução. Não cabe aqui aprofundar pormenores, mas todos estão lembrados da chacina de mais de seis milhões de proprietários

e estratégicos, sem considerarmos o fator organização, sob o domínio staliniano da III Internacional, enfeudada aos interesses da política exterior do Kremlin, assumiram feições de repulsivas capitulações, como no advento de Hitler, ou de traições evidentes, a exemplo da guerra civil espanhola, destruída em suas intenções socialistas pelo verdugo de Moscou que pretendia conter seu êmulo alemão, com a bar-

reira «democrática» das frentes-populares. Não cabe e nem pretendemos, na extensão de um simples artigo, apresentar um balanço dos resultados da grandiosa experiência proletária, empreendida na Rússia. Por maiores que tenham sido os erros dos grandes chefes do bolchevismo — e foram imensos a nosso entender — os sentimentos e a abnegação socialistas das massas soviéticas e os resultados, embora limitados, alcançados pela planificação e estatização da economia, só por si provariam, de modo irrefutável, completados pela democracia pluripartidária socialista, que o mundo se tornará harmonioso, com a substituição do capitalismo por uma sociedade sem classes.

A esmagadora pirâmide social que pesa sobre os trabalhadores russos e dos países da órbita soviética, fazendo prevalecer desigualdades brutais, nada prova contra o socialismo marxista. Ao contrário, demonstra que as distorções iniciais do bolchevismo, negando a essência socialista-democrática do marxismo e transformando o Poder dos Conselhos-órgãos de frente-única dos trabalhadores, gerados pela Revolução — em ditadura anti-democrática de um só partido ou, melhor, de um grupo de chefes de um só partido, feitos senhores do Estado e da sociedade, não conseguem sequer impedir que as forças de produção libertadas das peias burguesas pelo proletariado socialista e seus aliados, ganhem ritmo sempre crescente, mesmo contidas pelo arcabouço de ferro do Capitalismo de Estado, expressão acabada da burocracia voraz e do domínio totalitário de um bando de líderes «iluminados», a manobrem serviços partidários bem remunerados. Por outro lado, os hediondos crimes de Stalin e seus asseclas russos e das «democracias populares» provam menos ainda contra o Socialismo, representado, isso sim, pelos insurretos polacos e húngaros de 1956 que, juntamente com seus irmãos de outros países, acabaram pondo por terra, a casta burocrática usurpadora, onde quer que se tenha instalado, implantando a democracia socialista pluripartidária, para dar corpo a uma sociedade sem classes.

Da supressão da democracia socialista, pelo domínio de um único partido, de uma única imprensa, de uma única tribuna, os líderes bolcheviques, impelidos por uma reação em cadeia, no X Congresso do P. C. russo, realizado em 1921, foram à liquidação da própria democracia partidária, proibindo a existência de frações nas fileiras do bolchevismo, as quais traduziam, embora pallidamente, por esse meio, o descontentamento e a decepção das massas trabalhadoras. Pouco antes da adoção dessa medida anti-socialista se verificara o levante dos bravos marinheiros de Cronstadt, a reivindicarem a devolução do poder aos Sovietes e surgiram no partido duas oposições organizadas — a Oposição Operária e os «Centralistas Democráticos» — que combateram, sem desfalecimentos, a burocratização crescente da organização bolchevique e do Estado.

Todavia, consequência mais danosa ainda do anti-democratismo socialista adotado pelos grandes líderes do bolchevismo, certos, sem dúvida, de estarem protegendo a primeira revolução proletária, logo se manifestaram, também, em escala internacional, onde «fazendo das necessidades, virtudes» — conforme expressão de Rosa Luxemburgo — Lenin, Trotsky e outros preeminentes dirigentes soviéticos impuseram aos P. C. como «modelos» de organização, tática e estratégia revolucionárias as formas russas, determinadas, algumas vezes, possivelmente, por circunstâncias irremovíveis.

As sucessivas derrotas dos P. C. da era leninista, até 1923, decorrentes mais de falsa perspectiva e erros táticos

A Razão da L.S.I.

Há algum tempo, um grupo composto de operários, jovens estudantes e militantes caledados decidiu fundar, em São Paulo, uma organização marxista, denominada LIGA SOCIALISTA INDEPENDENTE.

Precedeu esta decisão:

1º) A realização de um balanço crítico das atividades socialistas do século XX, que permitiu tirar a conclusão geral de que a causa principal dos fracassos das pretensas vanguardas estalinistas e reformistas do mundo inteiro, em particular no Brasil, é o abandono absoluto dos princípios do socialismo científico;

2º) Um estudo geral das questões de política organizatória no domínio socialista, que concluiu, também em termos gerais, pela condenação da estrutura anti-democrática, ultra-centralista, e monolítica dos partidos bolcheviques, optando por uma forma organizatória que conjugue DISCIPLINA com DEMOCRACIA SOCIALISTA.

A base destes relatórios e de frutíferos debates, foram redigidos os Projetos de Programa e Estatutos da organização, que estabeleceu como finalidades da Liga Socialista Independente a transformação do Estado Capitalista em Sociedade Socialista, acarretando a abolição do antagonismo de classes e da exploração do homem pelo homem, através da socialização dos meios de produção.

Redigiu-se, em seguida, um Projeto de Linha Tática da L.S.I., em relação às demais correntes políticas, que estabeleceu qualquer aliança ao valor que apresentem para a luta anti-capitalista, e que estabelece como norma para as ações de frente única o «atacar juntos e marchar separados com bandeiras próprias», preservando assim a independência das organizações participantes da frente.

Munidos destes documentos básicos, lançaram-se os militantes da nova organização a um trabalho árduo de divulgação programática, doutrinária, e de arregimentação. Para isto participaram ativamente de todos os movimentos sociais em São Paulo, de reivindicações operárias ou de luta anti-imperialista, procurando, na medida de suas possibilidades, radicalizar esses movimentos, para trabalhar pelo robustecimento da consciência classista e política do proletariado.

A causa essencial que levou os fundadores da L.S.I. à organização de um novo partido foi uma conclusão, que cada vez mais se impõe

a um maior número de pessoas, de que nenhuma das organizações que se reclamam da classe operária no Brasil apresenta um mínimo de fidelidade aos princípios do Socialismo Científico, únicos capazes de conduzir as massas oprimidas ao regime socialista.

O Partido Comunista do Brasil, que apresenta as deformações dos partidos estalinistas de todo o mundo: totalitarismo e subserviência à burocracia soviética, tem seguido, nos últimos anos, através de sua direção, uma política de traição aos interesses históricos da classe operária, procurando colocar as massas trabalhadoras a reboque da burguesia nacional.

O Partido Socialista Brasileiro, além de insignificante como base operária, tende cada vez mais a diluir-se na máquina estatal burguesa, através de secretarias de Estado, etc., abandonando mesmo a pregação do socialismo reformista e indolor que efetuava anteriormente.

Além destas duas organizações, burocratizadas e corrompidas, há que notar a existência de pequenos grupos de militantes denodados, dos quais divergimos não deixando, porém, de reconhecer neles a coerência na ação e a firmeza de princípios que os tornam respeitáveis.

Tais consideramos os anarquistas, apegados, para nós, a ideologias utópicas e métodos de ação ineficazes; e os trotskistas, que achamos presos a uma linha política ultrapassada, que o próprio Leon Trotsky, ao que tudo indica se preparava para reverter, na época do seu traicão assassino em mãos de agentes de Stalin.

ooOoo

A Liga Socialista Independente não constitui um fenômeno isolado. No mundo inteiro surgem organizações que opõem uma política socialista marxista ao falso dilema da escolha entre a expansão da burocracia russa e o Imperialismo ocidental, e que representam o ultrapassamento do estalinismo e do reformismo, pelo movimento operário. Algumas dessas organizações são tradicionais, como o Partido Socialista Italiano (Nenni), e outras surgidas há pouco, como a União da Esquerda Socialista (França). Na própria América Latina encontramos o poderoso Partido Socialista Popular do Chile.

No mundo inteiro, o movimento operário reencontra, através da fidelidade aos princípios do Socialismo Científico, o caminho da emancipação da humanidade.



Rosa Luxemburgo

Entre outras coisas, o « caso » Pasternak serviu para repôr, em sua exata moldura, o quadro da ilusória « democratização » da sociedade soviética, após o famoso discurso de Kruchov, no 20º Congresso do P.C. russo. O « degelo » insinuado, de modo significativo, em artigos sensacionais, por Elia Ehrenburg e Khatchaturian,

Não tardou e vimos, a uma carranca de seus anos todo-poderosos, Ehrenburg e o grande compositor armênio, encabeçando o batalhão dos « artistas uniformizados », proporem que, por cinco anos, todas as obras de arte tivessem, unicamente, como tema, a bomba atômica e o movimento pró-paz.

Só aos ingénios podia iludir a grosseira manobra de Kruchov e seus acólitos, formados na escola estaliniana, cuja essência é o mais torvo despotismo.

As lições da história estão aí a indicar que uma ditadura totalitária jamais pode conceder qualquer flapo de liberdade, pois isso representaria o começo de seu fim.

Os artigos de crítica à « estética » de Zdanov, ditada pelo próprio Stalin, foram acolhidos, desde logo, pelos artistas soviéticos, como uma nesga de sol nas trevas sanguinolentas do terrorismo estaliniano, que acabara por reduzir praticamente a zero a estúpida sensibilidade criadora do povo russo.

Os novos senhores do poder, alarmados com a pronta reação dos artistas, começaram a vomitar pelo « Pravda », « Izvestia » e outros pasquins congêneres do Estado totalitário, impropérios ameaçadores contra os « falsificadores da maravilhosa realidade soviética ».

Em um dos seus artigos, Ehrenburg declarou que escrever um romance não era « a mesma coisa que fabricar calçados » e Khatchaturian repudiara a música de encomenda, falsa, monótona, convencional, sempre girando, por determinação dos grotescos « estetas oficiais, em torno da « luta pela paz, no calor » grande pátria soviética » e do « genial Stalin », este brindado com centenas de « cantatas » e « canções » em todas as escalas.

Quando souo o imperioso toque de recolher dado pelo « Pravda » e demais veículos da única opinião existente na URSS, a do Kremlin, os lamentáveis artistas de coleira, mas bem nutridos pelo Estado totalitário que os usa, retornaram ao curral sob o chicote de Kruchov, com a mesma afobação com que haviam tentado desembaraçar-se das cadeias da escravização ao « realismo socialista ».

De sua parte, Boris Pasternak não pôde reaver os originais do « Dr. Jivago », entregues a um editor comunista estrangeiro. A publicação do romance fora da Rússia deu causa à concessão do Prêmio Nobel ao seu autor, popularizando o conteúdo crítico da obra. Em represália, a pavorosa ditadura de Capitalismo de Estado agulou contra o poeta septuagenário a alcateia de lobos da arte oficial, demonstrando, com isso, que, depois de 41 anos de « socialismo », não está em condições de resistir a um livro, tão amedrontador como uma bomba de hidrogênio, para o sucessor de Stalin e os burocratas que cavalga.

A tirania não tolera, é claro, a menor crítica desfavorável, que, tal como uma bola de neve, pode tornar-se bloco gigantesco e arrasador.

A atitude de Kruchov é um mesquinho episódio em uma série de crimes espantosos contra a inteligência russa. Stalin, com sua peculiar brutalidade, desprezou as hesitações conciliatórias de Lenin e Trotsky, no domínio da liberdade de criação artística. Aos dois principais líderes da Revolução proletária, de 1917, embuidos do humanismo marxista, repugnava impôr, na esfera da Arte, as rufinasas restrições que, por motivos políticos, haviam imposto à democracia socialista.

O primeiro e o segundo proclamavam, a um só tempo, nos albores do novo regime,

« o direito de cada artista criar com toda liberdade » mas que « o Estado não podia cruzar os braços e deixar o caos se estender... » Aí estão, ao alcance de qualquer um, numerosas páginas de ambos, sustentando essa tese contraditória, a traduzir, de fato, um compasso de espera que Stalin transpôs, sem escrúpulos, em reunião do Comitê Central do P.C. russo, de 1929. Nessa reunião, foi baixada resolução, segundo a qual « todos os ramos da Arte devem ser mobilizados para a luta e a propaganda na explicação do Primeiro Plano Quinquenal ». As editoras receberam instruções sobre os temas permitidos, sendo atribuído à Associação dos Escritores Soviéticos o controle das revistas e das editoras. Os escritores russos usaram formular um debil protesto contra a intervenção tirânica do Estado, em consequência do que, como resposta, o Comitê Central do P. C. soviético, dissolveu aquela Associação. Instaurou-se, daí por diante, em toda sua boçalidade feroz, no âmbito da Arte, o império da « ideinost », quer dizer, o valor estético de qualquer obra deveria ser aferido pelas idéias que interessavam ao Estado totalitário, nos mesmos moldes dos padrões hitlerianos, codificados na « Nationalsozialistische Kunst ». A « censura tártara » do stalinismo foi se avolumando, no mesmo ritmo em que se consolidava, sobre montões de cadáveres dos melhores socialistas, a ditadura de Stalin e seus « gangsters ». Por fim, Stalin-Gengis-Cã erigiu o « realismo socialista » em doutrina « estética » do Estado, definindo os escritores como « engenheiros das almas ». A majestosa literatura soviética dos primeiros anos da Revolução, dos Glázev, Pilniak, Maïacovski, Êssenin, Bloch baixou ao nível de um Ticonov ou Fadeiev. Os poderosos romancistas e poetas, herdeiros de Gógol, Puchkin, Tolstói, foram impelidos ao suicídio como Maïacovski, Êssenin, Bloch, ou receberam uma bala na nuca, a exemplo de Pilniak, todos mais ou menos sob a mesma acusação, inventada pelo sátrapa do Kremlin: « inimigos pérfidos do povo ».

« Cinzento sobre cinzento, eis a cor única, a cor autorizada da liberdade », clamava Marx contra a censura prussiana de seu tempo, longe de poder imaginar que, em nome do Socialismo Científico, o massacrador da « velha guarda » bolchevique fizesse parecer uma repreensão de mestrescola a meninos endiabrados as imposições da censura prussiana, comparadas com a asfixia mortal de toda criação artística, que aniquilou, praticamente, a arte soviética, desde a literatura até o cinema.

De igual modo que em outros planos do pensamento marxista, a « estética » stalin-zdanovista, com as imbecilidades primárias de seu « ideinost-realista-socialista », nada de comum apresenta com a contribuição de Marx e Engels a uma estética em bases científicas. Os mestres do socialismo revolucionário, embora não tenham formulado uma teoria acabada da Arte, legaram à humanidade centenas de páginas sobre o assunto, impregnadas do generoso humanismo que lhes inspira toda a obra. Lenin e Trotsky não se mostraram menos interessados a respeito, se bem que as deformações do bolchevismo, de essência totalitária, se infiltrassem, por força de circunstâncias políticas, em seus excelentes escritos sobre Arte. A seu turno, Stalin, o teórico do « Socialismo em um só país », não poderia oferecer outra cegusa acima desta sórdida burla anti-marxista, no tocante à estética. E concebeu o « ideinost-realista-socialista », versão tártara dos princípios « artísticos » de Hitler e Goebbels. É à luz dessa concepção repulsiva que explode, agora, o « caso » Pasternak.

sequer a duração de uma primavera teve. Serviu contudo, para que os burocratas do Kremlin pudessem se preparar, depois da morte de Stalin, a fim de fazer frente à pressão popular, que atingira condições explosivas, sob o peso insuportável de trinta anos de terror.

Certo, com raras exceções, os protestos a respeito desse tumultuoso « caso », não passaram de lágrimas de crocodilo vertidas por porta-vozes da burguesia sobre o cadáver vivo do autor de « Dr. Jivago ». Centenas de autênticos artistas revolucionários da Rússia e, ainda há pouco, de países da órbita soviética receberam, não apenas ameaças e censuras acrimoniosas, mas a bala na nuca, desferida pelos assassinos stalinistas, sem um murmúrio de protesto, antes com íntima satisfação, desses que, agora, banham lenços e mais lenços de lágrimas compungidas, face ao « drama doloroso » do septuagenário, já anti-comunista, mesmo nos anos em que a União Soviética fulgurava como fascinante esperança para todos os oprimidos.

Para nós, socialistas marxistas, o « caso » Pasternak, não pode oferecer, evidentemente, motivos para alegria, mas, isto sim, para nova constatação, — se as anteriores por si só não bastassem, — de que a « desestalinização », conforme havíamos previsto, não passou de miserável comédia, encenada pelos sucessores do verdugo morto, visando ganhar tempo. « Desestalinização » deveria implicar, basicamente, a liquidação da ditadura unipessoal, sustentada por um só partido, e a consequente reconquista do poder político e da gestão da economia pelos Conselhos (Soviets) de trabalhadores, englobando elementos sem-partido e representantes de todos os partidos socialistas, suprimidos pelos bolchevistas. O que se viu, porém, foi a substituição da ditadura repugnante de Stalin pelo sorriso porco de Kruchov, após o ligeiro « intermezzo » da burla da « direção coletiva », que apenas aos ingénios e aos inocentes úteis poderia enganar.

O « caso » Pasternak reflete um pálido aspecto de todas as nefastas deformações anti-socialistas da União Soviética. O terror pânico dos usurpadores do poder diante de um simples romance, embora anti-comunista, revela, sem lugar a dúvidas, que as massas trabalhadoras soviéticas sentem na própria carne a criminosa impostura dos burocratas, pretendendo impingir como SOCIALISMO uma esmagadora ditadura de CAPITALISMO DE ESTADO, impotente contudo para triturar, pela evidência dos fatos, as críticas anti-revolucionárias de um velho poeta preso ao passado.

Carestia e Congelamento

É suficiente lêr o noticiário-aventurismo único da burria dos jornais para perceber a situação de fome em que se encontra o Nordeste, e de quase-fome em que se debate o resto do país; menos que isso, basta caminhar pelas ruas e verificar o surdo descontentamento recalcado na massa.

É a carestia de vida que ronda cada vez maior número de lares, carestia que toma aspectos ainda mais revoltantes ao toparmos com a demagogia governamental sobre o chamado « Congelamento » de preços.

A medida saiu da boca do próprio presidente da república em tom de sensacionalismo, e teve ampla cobertura de toda imprensa burguesa. Mas a massa recebeu com cepticismo as promessas de milagres, especialmente vindas de um santo assim desacreditado. E nem poderia receber de outra maneira, pois os poderes públicos mesmos se encarregam de desmoralizar o « congelamento ».

O governo federal, ao mesmo tempo que propõe a medida, preconiza aumentos de vários impostos, no seu mirífico « plano de estabilização monetária »; o governo estadual, por sua vez, já aumentou as tarifas de frete da Sorocabana, abrindo caminho para aumentos em todas as ferrovias; pretende-se também aumentar os salários do funcionalismo estadual por meio de uma elevação do imposto de vendas e consignações. A iniciativa aumentista parte assim do próprio governo que pretende congelar os preços.

Uma análise elementar de nossa conjuntura econômica mostra facilmente que a carestia só poderá ser limitada com a aplicação de medidas profundas que os poderes públicos estranhos aos interesses dos trabalhadores, não querem e não podem realizar.

O aumento do custo de vida é consequência direta da inflação, ou seja, da emissão de papel moeda sem aumento correspondente da renda bruta nacional. E não vemos como os donos do poder poderão conter essa inflação; pelo contrário, ela tende a crescer, dado o caráter enfermigo da nossa economia e do

soal, sustentada por um só partido, e a consequente reconquista do poder político e da gestão da economia pelos Conselhos (Soviets) de trabalhadores, englobando elementos sem-partido e representantes de todos os partidos socialistas, suprimidos pelos bolchevistas. O que se viu, porém, foi a substituição da ditadura repugnante de Stalin pelo sorriso porco de Kruchov, após o ligeiro « intermezzo » da burla da « direção coletiva », que apenas aos ingénios e aos inocentes úteis poderia enganar.

O « caso » Pasternak reflete um pálido aspecto de todas as nefastas deformações anti-socialistas da União Soviética. O terror pânico dos usurpadores do poder diante de um simples romance, embora anti-comunista, revela, sem lugar a dúvidas, que as massas trabalhadoras soviéticas sentem na própria carne a criminosa impostura dos burocratas, pretendendo impingir como SOCIALISMO uma esmagadora ditadura de CAPITALISMO DE ESTADO, impotente contudo para triturar, pela evidência dos fatos, as críticas anti-revolucionárias de um velho poeta preso ao passado.

A Passeata Contra a Carestia

Dia 28 último realizou-se passeata com a participação de entidades sindicais, centros acadêmicos, Pacto de Unidade Intersindical, União Estadual dos Estudantes, União Paulista dos Estudantes, sociedades de amigos de bairro e outras organizações populares. Cerca de 10.000 pessoas, com uma pluralidade de faixas, cartazes e protestos, reivindicaram, fundamentalmente um salário mínimo de Cr\$ 6.000,00 e a contenção do aumento do custo de vida.

Dois fatos importantes se destacaram no movimento: de um lado, elementos que exaltavam a « massa ordeira e pacífica »; de outro lado, e opondo-se, o povo que revidava apoiando palavras de ordem radicais como « abaixo o patrão burguês » e « viva o proletariado ».

Acreditamos que esses conciliacionistas, pelegos ou não, fracassem na sua tentativa de conter por muito tempo o avanço das massas: suas baleias no sentido de entoar loas à querida burguesia nacional e apregoar seu divórcio do imperialismo sofrerão o impacto das massas politizadas, no seu caminho histórico da luta de classes; somente a classe operária pode ser consequentemente anti-imperialista.

É lícito esperar também que tais dirigentes « reformistas » poderão ainda manter suas posições por mais apenas uma gestão nos sindicatos; a profundidade dos acontecimentos, nesse interim, poderá mudar todo o panorama.

ma; com grandes probabilidades, os pelegos deverão ser brevemente fenômeno ultrapassado; e a existência de movimentos políticos classistas que vão ao encontro das necessidades históricas, até então contidos por movimentos tipicamente pequeno-burgueses e nacionalistas, poderá modificar toda a equação de forças. Os homens participam ativamente da história, e a L.S.I. pretende-se um movimento classista que atenda às aspirações da massa.

O nível das reivindicações « dos líderes » na passeata, repetindo velhos chavões de um « reformismo » romântico, não encontrou realmente mais receptividade entre as massas. A história presente e passada mostra, assim, que a chave de todo processo social é a luta de classes, que todo movimento social é dialético e envolve polarizações sucessivas; a unidade se faz dentro de um dos polos. Cumprir o proletariado à pequena-burguesia e não, como pretendem partidos reformistas como o PSB, PTB e PCB, unir toda a sociedade em torno da burguesia nacional.

A passeata constitui-se, a nosso ver, em uma demonstração dessa tese, uma autêntica vitória pela mobilização das massas para a luta; a experiência mostrou uma nítida oposição entre a consciência e exigências radicais da massa e a orientação « reformista » dos que organizaram a manifestação.

IMPOSTO SINDICAL E PELEGUISMO

Os sindicatos brasileiros que têm um belo passado de luta pela melhoria de condições de vida da classe operária, nascidos das antigas unidades operárias hoje apresentam-se bastante desvirtuados, com a completa perda da confiança que com muito sacrifício tinham conseguido entre as diversas categorias de trabalhadores.

Se os sindicatos livres de outrora eram dirigidos por líderes formados nas lutas constantes e em condições penosas, hoje, devido às constantes intervenções do Ministério do Trabalho nos assuntos de interesses exclusivo dos trabalhadores, os sindicatos perderam a sua antiga pujança e foram ocupados por « líderes » que encontraram na burocracia sindical uma forma de fugir às duras penas do trabalho das fábricas. Esses « líderes » formaram uma nova categoria social muito bem colocada e defendem sua nova posição, capitulando constantemente ante o patrão e o Ministério do Trabalho, esquecendo-se dos interesses da classe que deveriam representar.

A legislação que regulou a existência dos sindicatos, elaborada durante o negro período da ditadura, foi feita com o visível intuito de impedir a existência de sindicatos combativos que pudessem aglutinar os melhores quadros militantes da classe operária.

O Imposto Sindical, extorquido dos trabalhadores, cons-

titui o pé-de-cabra com o qual os patrões, por intermédio do seu Ministério do Trabalho, arrombam as portas dos sindicatos, transformando-os em simples ambulatórios médicos quando a sua função é a de exigir dos Institutos de Previdência a assistência médica a que os trabalhadores têm direito pelo muito que recolhem aos cofres de previdência social.

Os milhões manipulados pelas diretorias de alguns sindicatos é suficiente para atender regularmente um número reduzido de operários, mas não é bastante para atender a toda a categoria. Isso impede uma sindicalização em massa pois esta seria prejudicial aos interesses da burocracia sindical preocupada em permanecer definitivamente nas cómodas posições atingidas e bem mais suaves que a dos operários nas fábricas.

A acomodação dentro da legislação sindical vigente é quase geral. Poucos líderes sindicais preocupam-se em empreender uma campanha séria libertar o sindicalismo brasileiro. Essa é a tarefa da classe operária que mesmo contra a vontade dos « pelegos » toma dia a dia maior consciência de suas necessidades e ingressa nos sindicatos disposta a combater os burocratas que fazem do sindicalismo brasileiro uma instituição de previdência social e não um órgão de defesa dos interesses da categoria profissional que representam.

popular, que infelizmente não tem ainda um sentido político. Só o que não cresce é o salário real, e temos a inflação irresistível gerando a carestia. De qualquer maneira, acreditamos que nos cumpre exigir com toda firmeza o congelamento de preços, pouco importando que o governo burguês que o prometeu possa ou não realizá-lo. O povo deve estar preparado e organizado para qualquer eventualidade, inclusive a sonegação de gêneros e o mercado negro; organizado dentro dos sindicatos, dos centros acadêmicos,

das associações populares, nos bairros, em todos os lugares e de todas as maneiras que lhe forem possíveis. Somente os trabalhadores têm interesse no congelamento de preços, somente os trabalhadores organizados poderão leva-lo a cabo.

Os acontecimentos recentes mostram que a classe trabalhadora já iniciou a luta aberta contra a carestia, em todo o país, pois compreende que ficar de braços cruzados, esperando passivamente, significa esperar pela fome.

« A única defesa verdadeira das liberdades nacionais é a luta de classe internacional contra o imperialismo. »

ROSA LUXEMBURG